



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_01/2022

Homilia na Eucaristia Solene
de início de Ministério Pastoral

Braga, Sé Catedral, 13.02.2022, 16h00

A vocação da sinodalidade

Irmãos e irmãs,

1. No olhar de Jesus Cristo

Alegrai-vos e exultai! Com estas palavras, Jesus convida-nos à esperança, neste início do meu ministério pastoral convosco e para vós.

S. Lucas, autêntico pintor de narrativas, enquadra solenemente o discurso da felicidade ou das bem-aventuranças (Lc 6, 17. 20-26). Jesus desce do monte para um lugar plano, falando a todos e não só aos judeus. Todavia, levanta o seu olhar para os discípulos e proclama as bem-aventuranças e as imprecações. Na inteireza da sua missão, anuncia a Palavra, cura os doentes e liberta do mal.

Para os profetas, as bem-aventuranças eram um sonho; para Jesus são o presente: Hoje. A narrativa evangélica lucana elenca quatro grupos de felizes: os pobres, os que choram, os famintos e os perseguidos.

As primeiras três situações são elementos graves do sofrimento humano, indicando sempre uma certa forma de pobreza feliz. A última diz respeito à perseguição dos cristãos *«por causa do Filho do Homem»*.

Não basta, todavia, cultivar uma forma de ser pobre, chorar, passar fome ou ser perseguido para ser feliz. Há um enorme trabalho interior a realizar para a simplicidade do coração. Tenhamos, porém, a coragem da alegria e da esperança!

O Reino é prometido àqueles que não vivem do aã do possuir e do poder, que não põem a razão de ser da sua vida em si mesmos e no que têm, mas que permanecem abertos e disponíveis para Deus. A fé que Jesus propõe é a da vocação de Jeremias e do salmista: *«Feliz o homem que pôs a sua esperança no Senhor»*.

O essencial é o Evangelho. Só se evangeliza com o Evangelho. A pobreza é, ao mesmo tempo, fé, liberdade e leveza nos discípulos missionários. Só quem assume ser carente e pobre pode ser amigo



dos pobres, reclusos, doentes, peregrinos, migrantes, refugiados, vulneráveis, indigentes e marginalizados nas periferias existenciais, sociais e geográficas. Nós somos chamados a olhar com olhos novos, com os olhos de Jesus Cristo!...

2. Igreja bracarense, que fazes da proximidade fraterna?

Vivemos um tempo difícil – uma mudança de época. Mas este é o nosso hoje e o hoje de Deus, que em Cristo se torna esperançoso.

Ainda que os tempos sejam difíceis, é hora de revisitarmos com esperança as nossas raízes, a história, os trabalhos e cansaços, para saborearmos o património de fé e cultura do Evangelho. Com efeito, «*O amanhã da Igreja habita sempre nas suas origens (...). Quem não tem memória não sabe lutar*» (Papa Francisco). Agora, toca-nos a nós caminhar juntos para o futuro.

Todos somos poucos para sermos ministros do Evangelho para a esperança do mundo: «*Como quer que sejamos, que a vossa esperança não esteja posta em nós: se formos bons, somos ministros; se formos maus, ministros somos. Mas só se formos ministros bons e fiéis, é que seremos verdadeiramente ministros... Servimo-vos Cristo em nome d'Ele, servimo-l'O sob as suas ordens*» (Santo Agostinho, Sermão 340A).

Irmãos e irmãs,

A Arquidiocese de Braga tem uma história milenar, hoje muito diversificada e enriquecida pelas suas gentes: um povo que trabalha, nas fábricas, nos escritórios, no comércio, nas empresas, nos campos, nas oficinas, nas escolas e universidades, na saúde, na agricultura, na pesca e nos serviços domésticos.

Fernando Pessoa escreveu: «*A realidade é o gesto visível das mãos invisíveis de Deus*». Sim, a realidade existe antes das ideias e das ideologias e desafia-nos à coragem criativa, à confiança e à paciência para criar relação no encontro com os homens e as mulheres do nosso tempo, testemunhando que também hoje é possível, belo, bom e justo viver a existência humana à luz do Evangelho.

Estamos convocados para a missão do essencial ao serviço de todo o povo de Deus a nós confiado.

A vocação à sinodalidade interpela-nos: *Ao anunciar o Evangelho, uma Igreja sinodal “caminha em conjunto”. Mas como é que este “caminhar juntos” se realiza na nossa Igreja diocesana? Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”?*

Logo que possível, e em sinodalidade com os organismos de comunhão, iniciarei o roteiro da grande peregrinação por toda a nossa amada Arquidiocese nas suas 552 paróquias (551+1 em Moçambique), 14 arciprestados e serviços de proximidade. O santo arcebispo Bartolomeu dos Mártires entendia que: «*a visitação é quase a alma do governo episcopal porque é por ela que o pastor se desfaz e consome em benefício e utilidade de todas as suas ovelhas*».



Uma Igreja sinodal samaritana é uma igreja que escuta, olha, cuida e acompanha: «*chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão*» (Lc 10,33).

Onde há amor há um olhar que aproxima: «*aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho*» (Lc 10,34).

Onde há amor nascem gestos: «*colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele*» (Lc 10,34).

Onde há amor aí habita Deus!...

Demanda ainda o nosso plano pastoral: *desejamos uma Igreja pobre e livre? Que rosto de Deus encontra quem bate à porta da Igreja?*

Não tenhamos medo. A nossa vocação é a esperança; o medo é o maior obstáculo da esperança.

Deixemo-nos contagiar pela imaginação e criatividade!

O estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura!...

Este dinamismo pastoral exige uma conversão pessoal, pastoral e missionária. Importa esperar e sonhar em grande como o Papa Francisco: «*sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto preservação*» (*Evangelii gaudium* 27).

Estimados presbíteros,

Convosco – com todo o presbitério – agendaremos proximamente os encontros nos 14 arceprestados: Amares, Barcelos, Braga, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Esposende, Fafe, Guimarães e Vizela, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira do Minho, Vila do Conde e Póvoa de Varzim, Vila Nova de Famalicão e Vila Verde.

O presbitério não é a soma dos presbíteros de uma diocese. Não são os presbíteros que fazem o presbitério, é o presbitério que faz os presbíteros. Nós nascemos do mistério de Cristo. Antes de mais a comunhão e depois a missão.

Caríssimos presbíteros, deixai que vos diga de coração aberto: eu não sou pensável sem vós; sois os primeiros e indispensáveis colaboradores. Desejo ser vosso irmão e vosso amigo. Peço-vos – sim, de coração aberto: ajudai-me a ser pai e pastor!...

Quero também me encontrar com os diáconos, com as pessoas consagradas, com os movimentos e organismos eclesiais, com as autoridades, com as instituições de solidariedade social, com as famílias, com os reclusos, com os doentes, com os mais pobres, com os jovens e com os mais velhos.



Há dois dias celebramos o XXX Dia Mundial do Doente e o Papa Francisco relembra a importância de: «colocar-se ao lado de quem sofre num caminho de caridade», pedindo uma misericórdia que «é ao mesmo tempo força e ternura».

Irmãos e irmãs,

Da liturgia à caridade, da catequese à piedade popular e ao testemunho de vida, tudo na Igreja deve tornar visível e reconhecível o rosto de Cristo, a centralidade do mistério integral de Cristo. A audácia da esperança faz-nos peregrinos de novos caminhos e de novas linguagens na fidelidade criativa do Evangelho.

A Igreja existe para evangelizar, conforme desafiou S. Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*: «Conservemos o fervor do espírito, portanto; conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! (...). E que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desanimados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo», para mostrar os surpreendentes mistérios de Cristo, nossa Páscoa e nossa Paz.

3. Um coração que vê e escuta

A iconografia de Santa Maria de Braga – que está diante dos nossos olhos neste espaço nobre da catedral – tem o Menino ao colo e é Ele mesmo que acalenta o coração da Mãe, que n’Ele fixa o olhar com um sorriso materno e contemplativo.

A expressiva e bela imagem aparece com um medalhão florido no lugar do coração, que dá amor por amor; ou seja: «No ventre teu reacendeu-se amor / e em paz eterna fez que germinasse / a seu calor assim tão bela flor», como escreveu Dante.

Maria, Mãe da Igreja, é um coração que escuta. O filho ou a filha não é o coração da Mãe?

Estimados arquidiocesanos e amigos de outros espaços e circunstâncias,

Agradeço de todo o coração as inúmeras mensagens recebidas desde o dia 3 de dezembro de 2021. A todas respondi já, pessoalmente. Muitos não se ficaram pelas felicitações. Acreditai que escutar não é apenas ouvir ou ler: é necessário ouvir com o coração.

Muito obrigado pela vossa solicitude e tamanha hospitalidade!...



Irmãos e irmãs,

A Igreja sinodal samaritana não pode ser um *slogan*, um evento ou um “fazer por fazer”. É o estilo essencial do Evangelho da Esperança, que é o primado da graça na urgência de testemunhar a santidade, o rosto mais belo da Igreja.

Nas breves palavras que dirigi na saudação à nossa Arquidiocese, a primeira foi uma palavra de fé humilde. O meu desejo é aprender convosco a configurar-me diariamente com a palavra de Jesus que diz: «*Estou no meio de vós como aquele que serve*» (Lc 22, 27).

O desafio é grande, mas a força maior é a alegria do Senhor. Tudo é dom da graça divina a viver na humildade e na paciência. Assim nos dispomos a servir o Evangelho da Esperança: na proximidade com Deus, com o sucessor de Pedro, com o colégio episcopal, com o presbitério e com o Povo santo de Deus, na compaixão e na ternura.

Um jovem pediu-me: «*seja um Pastor com cheiro a ovelhas (...) seja firme na esperança e na confiança (...) não se esqueça dos pobres e dos jovens*».

Braga é conhecida por ser a cidade e a região mais jovem de Portugal. Onde há jovens tem de haver muitos sonhos e críticas. Caminharemos juntos no dinamismo eclesial da JMJ, Lisboa 2023, para construir uma Igreja de portas escancaradas para todos e um mundo melhor.

A eucaristia é a alegria e a esperança da nossa peregrinação. A nossa Arquidiocese é expressão da eucaristia acreditada, celebrada, adorada (o lausperene quaresmal, os congressos eucarísticos, os testemunhos da Beata Alexandrina, do P. Abílio Correia, do jovem Bernardo de Vasconcelos e muitos outros). Não nos podemos limitar a celebrar a eucaristia nem só a acreditar e adorar a eucaristia, mas a ser eucaristia viva, a partir do Domingo.

A liturgia é o cume para onde converge toda a harmonia da atividade da Igreja (catequese, culto e caridade) e ao mesmo tempo a fonte (cf. SC 10) da sua vida (oração, *lectio divina*, mistagogia, espiritualidade, conversão e testemunho). A oração é, pois, a «*intérprete da esperança*» (S. Tomás de Aquino).

Pergunto-me muitas vezes qual o principal dever que me é pedido como bispo. Não tenho alguma dúvida em pensar que é o serviço da oração e da evangelização: devo rezar por todo o povo a mim confiado e irradiar, o mais possível, através da palavra e das obras, o amor gratuito de Jesus Cristo, o Pastor por excelência.

A oração litúrgica é a voz da esposa ao Esposo e é a gramática da oração e a epifania do mistério na dimensão contemplativa da vida pastoral. Peço a Deus um coração que escute os sinais dos tempos e os desafios que neles se manifestam, para ser um humilde servidor da Beleza, da Verdade, do Amor e da Alegria para vós e convosco.



A Igreja existe para evangelizar e deve reconhecer-se em estado permanente de conversão e de missão.

Maria, a mulher admirável da Esperança, Senhora Mãe de Braga, nos mostre o único Mistério que nos reveste das Bem-aventuranças.

Saudação e gratidão

Senhor Núncio Apostólico;

Senhores Cardeais, Arcebispos e Bispos de Portugal e de Espanha, Senhor Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa e representantes das outras comunidades cristãs;

Sua Excelência, o Senhor Presidente da República Portuguesa;

Caros Presbíteros de Braga, Bragança-Miranda e outras Dioceses irmãs e Institutos de Vida Consagrada, Membros dos Cabidos metropolitanos de Braga e de Santiago de Compostela;

Senhora Ministra da Justiça e da Administração Interna;

Excelentíssimas autoridades autárquicas, civis, académicas, militares, forças de segurança;

Caros Diáconos, Pessoas consagradas, catequistas, famílias, jovens e mais velhos, seminaristas, instituições, movimentos, comunicação social, grupos, familiares e amigos, e todos os que quisestes estar aqui e agora;

Caros irmãos e irmãs,

A continuidade na renovação do múnus de ensinar, do múnus de santificar e do múnus de governar nesta Igreja bracarense é feita de infinitos recomeços. Damos profundas graças a Deus por D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, pelo dom e ministério dedicado ao serviço desta Arquidiocese, da Província Eclesiástica de Braga e da Conferência Episcopal Portuguesa. Recordamos com grata memória D. Eurico Dias Nogueira e todos os antecessores. Já peregrinei aos santos pastores e pedi-lhes a bênção: São Bartolomeu dos Mártires, São Martinho de Dume, São Frutuoso, São Geraldo e muitos outros aqui sepultados nesta nossa igreja Catedral, a mais antiga de Portugal.

Neste mesmo dia, há 45 anos, celebrou-se a ordenação episcopal de D. António Rafael, bispo que me impôs as mãos por três vezes no ministério ordenado. Este dia recorda também a páscoa da Serva de Deus Irmã Lúcia, há 17 anos, tendo sido crismada na nossa Arquidiocese no dia 24 de agosto de 1925.

Saúdo D. Nuno e recordamos com viva amizade tantos bispos auxiliares em Braga e que daqui partiram em missão para outras igrejas locais.



Lembramos com viva gratidão os bispos oriundos da Arquidiocese: D. Pio Alves, D. Augusto César (50 anos de ordenação episcopal), D. António Vitalino, Cardeal António Ribeiro e Cardeal Manuel Monteiro de Castro.

De todo o coração, bem-hajam!

Como se diz em Dume: *“São Martinho, protege o teu povo!”*

† José Cordeiro, *Arcebispo Primaz*